Capítulo XXVIII — Continuação do precedente

I

Não menos que as objeções contra o dogma do cristianismo, os ataques contra a sua moral têm o efeito inesperado de firmar o Credo do cristão. Todas as reclamações do orgulho, todos os murmúrios das paixões, todas as revoltas da natureza contra os preceitos do Evangelho tendem a mostrar que esses preceitos são inúteis, impraticáveis, antiquados, contrários à liberdade do homem, ou que pelo menos se pode tomá-los ou deixá-los, sem consequência.

II

Que resulta daí? Ainda a prova palpável da existência, da necessidade, do número e do brilho dos milagres que forçaram o mundo a curvar a cabeça sob o jugo da moral cristã. Quanto mais fortes parecem as objeções, quanto mais numerosas são, tanto mais fazem crescer a dificuldade da empresa; por conseguinte, tanto mais fazem brilhar a força vitoriosa dos milagres que triunfaram das resistências do universo.

III

Aqui o livre-pensador — Renan, Proudhon, Strauss, seja qual for a sua ciência, a sua idade ou o seu nome — vê-se de novo transformado, no âmago de sua consciência, em apologista involuntário.

É condenado a dizer-se: «A moral do cristianismo era, há dezoito séculos, o que é hoje. Ora, essa moral me parece, em muitos pontos, inútil, facultativa, antiquada, impraticável, contrária à minha razão e à minha liberdade.

«Sou eu quem tem esta linguagem! Eu quem sinto esta impossibilidade! Eu quem proclamo esta liberdade de escolher os preceitos que me convêm e de deixar os que não me convêm!

IV

«Quem sou eu, pois, nascido no seio do cristianismo; eu, habituado desde a infância a olhar a lei evangélica como uma lei divina e em todos os pontos obrigatória; eu, afeiçoado, sobre os joelhos de minha mãe, ao jugo que ela impõe; eu, que cresci numa atmosfera cristã e vivo cercado de exemplos, cuja voz incessante me prega, e a necessidade absoluta da moral do cristianismo, e a possibilidade de praticá-la?

V

«Se, apesar de tudo isso, ela me parece impossível, inútil, facultativa, quanto mais não deve ter parecido ao mundo pagão, sepultado nos prazeres dos sentidos, quando lhe foi anunciada pela primeira vez! Como, pois, tantos jovens, de carne e osso como eu, tão fracos, tão ricos, tão instruídos, tão apaixonados como eu, talvez mais; como tantos homens de toda idade, de toda classe, de todo país, de toda condição, tão hábeis, tão sábios como eu, talvez mais, puderam aceitar como verdadeira, como obrigatória, como possível, essa mesma moral que declaro falsa, facultativa, impossível?

VI

«Como se submeteram a ela com tanta docilidade? Como a observaram em todos os pontos e com uma perfeição constante, quando para praticá-la era preciso não somente acorrentar paixões nutridas desde o berço por hábitos contrários, fortalecidas pelo exemplo universal, consagradas pela religião; derrubar de alto a baixo as próprias ideias, os próprios gostos, a vida inteira; romper, por conseguinte, cadeias perto das quais as minhas não são senão grinaldas de flores; mas ainda consentir em ser renegado pelos próximos, despojado dos bens, crivado de sarcasmos, açoitado até o sangue, marcado a ferro em brasa, mandado às galés, à espera, como último encorajamento, do delicioso prazer de ser assado vivo ou graciosamente triturado entre os dentes de um leão da África ou de um urso da Germânia, ao bater de palmas de todo um povo?

VII

«Que meio há de explicar este novo fato, não menos implacável que o primeiro?

«Dois somente: o DELÍRIO ou o MILAGRE. A FÉ ou a LOUCURA. Não há meio-termo.

VIII

«Eis o resultado das objeções de meu espírito e das revoltas de meu coração contra a moral do cristianismo. De grau em grau, cheguei a demonstrar, melhor que todos os apologistas, a imperiosa necessidade e a inabalável certeza dos milagres, cujo brilho só pôde vencer, no gênero humano inteiro, a mais formidável oposição que se possa conceber: o orgulho dos sentidos, a

fraqueza do coração e a violência das paixões, coligados contra a moral evangélica.



> **Os santos mártires.** Pinturas murais de H. Flandrin na basílica de São Vicente de Paulo, em Paris. (Ver o texto, p. 67.) *(Inscrições legíveis: S. Jorge, S.*

> *Longuinho, S. Sebastião...)*

IX

«Essa demonstração tem, ademais, a pérfida propriedade de crescer em razão direta de minhas dificuldades. Quanto mais vivas são as minhas paixões, mais indomáveis os meus sentidos, mais inveterados os meus hábitos, mais pesadas as minhas cadeias, mais compreendo a necessidade e a força irresistível dos milagres que triunfaram de todas essas coisas no mundo do século de Augusto e lhe fizeram, ao preço de seu sangue, aceitar e praticar uma moral cuja impossibilidade ninguém conhece melhor que eu.

X

«Que me resta?

«Pretender que a crença do gênero humano no cristianismo é efeito de uma alucinação? Mas não deixarão de me responder: ‹Se o gênero humano está alucinado, quem vos disse que vós não o estais? Se todos os homens são loucos, provai que sois sábio?›

XI

«Que me resta, pois? A menos que feche os olhos para não ver e me condene a uma incoerência perpétua, que seria o verme roedor de minha consciência, a vergonha de minha vida e o tormento de minha morte, resta-me voltar à fé de meu batismo e professar, mais ainda por minha conduta que por minhas palavras, o inatacável Credo do mundo católico.» Só este partido é razoável.

Credo.

Revision #2
Created 22 November 2026 12:51:37 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:04 by Admin